



Anais do 30 Encontro da Rede de Pesquisa em Governança da Internet

Manaus, 01 de outubro de 2019

ISSN: 2675-1690 v.3, 2020

A INTERNET NUA: A ARTE COMO PORTAL PARA A NUDEZ FOTOGRÁFICA NAS GRANDES PLATAFORMAS DIGITAIS?

Pedro Peres Cavalcante¹

RESUMO

Os conflitos entre os conteúdos compartilhados por usuários e as diretrizes de comunidade das plataformas intermediárias digitais constituem um problema antigo na governança da Internet. Com o passar dos anos, as plataformas têm-se adaptado aos tensionamentos postos, desenvolvendo ferramentas técnicas e políticas a fim de melhorar o relacionamento com seus usuários. A circulação de conteúdos envolvendo a nudez fotográfica é um dos pontos polêmicos que têm gerado debates recorrentes. Este artigo explora o tema dos conflitos entre a liberdade de expressão artística e as diretrizes de conteúdo das plataformas digitais, bem como suas ferramentas de moderação, valendo-se de uma abordagem interseccional sobre a nudez fotográfica no suporte digital, inter cruzando importes teóricos das artes e do campo de estudos da ciência, tecnologia e sociedade para analisar o episódio recente envolvendo a iniciativa We The Nipple e o Facebook.

PALAVRAS-CHAVE

Nudez Artística; Plataformas Digitais; Facebook; Instagram.

ABSTRACT

Conflicts between community guidelines of big digital platforms and the content shared by its users constitute a long-lasting Internet Governance issue. Over the years, platforms have gradually overcome challenges posed by such clashes by developing technical tools and guidelines in order to better relationships with their users. Contents involving photographic nudity remain one of the most polemic issues when it comes to content moderation. This article investigates the tensions between freedom of expression in the artistic field and the community guidelines of big digital platforms, as well as its content moderation tools. In this way, there's use of a multidisciplinary approach – involving theoretical insumes from the arts field as well as science, technology and society studies – to analyse a recent incident involving an initiative called We The Nipple and Facebook.

¹ Bacharel em Direito pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail para contato: pedropc92@gmail.com

KEY WORDS

Aristic Nudity; Digital Plataforms; Facebook; Instagram

INTRODUÇÃO

No dia 02 de junho de 2019, 125 pessoas protestaram nuas em frente à sede do Facebook na cidade de Nova Iorque. A façanha só pôde concretizar-se graças ao horário e à data oportunos: foi nas primeiras horas da manhã daquele domingo que o artista Spencer Tunick orquestrou o grupo, composto de homens e mulheres, a fim de contestar as diretrizes de conteúdo do Facebook e do Instagram que proíbem a disposição da semi-nudez feminina em fotografias, ainda que estas sejam imbuídas de valor artístico. Como noticiado por alguns veículos de comunicação (MCKENZIE, 2019; PAUL, 2019), os participantes do ato se valeram de grandes fotografias impressas de mamilos masculinos a fim de evidenciar o tratamento diferenciado dado pelas plataformas a esta parte do corpo humano, a depender de sua associação a um corpo tipicamente masculino ou feminino². O ato comandado por Tunick teve como fim catapultar a visibilidade da iniciativa We The Nipple³, um projeto da Coalizão Nacional Contra Censura (NCAC), coalizão norte-americana de entidades civis que reuniu mais de 250 assinaturas de pessoas físicas e jurídicas numa carta aberta endereçada ao Facebook expondo os prejuízos experimentados pela comunidade artística em razão da moderação ostensiva exercida nas plataformas acima mencionadas em relação a obras artísticas envolvendo a semi-nudez feminina. Como será visto na presente análise, as sanções impostas pelas plataformas vão desde a remoção de publicações à exclusão de contas sem prévio aviso, incluindo-se aí o impedimento de retornar à plataforma por certo período. Embora estas práticas recaiam sobre diferentes atores do mundo das artes, são os artistas, especialmente os mais novos e não conhecidos,

² Fala-se aqui em corpos tipicamente masculinos e femininos como os corpos associados a indivíduos cisgêneros, a fim de respeitar a diversidade de corporeidades associada às manifestações de gênero. Para evitar a repetitividade, esta indicação será suprimida no restante do texto, subentendendo-se, portanto, a associação aqui feita.

³ Cumpre destacar que o ato promovido por Steven Tunick e o movimento We The Nipple como um todo inspiram-se fortemente em duas iniciativas prévias distintas. A primeira refere-se ao perspicaz trabalho da artista Micol Hebron (STENDER, 2019), que em 2014, após ter sofrido sanções pelo Instagram ao compartilhar uma fotografia com mamilos femininos visíveis, criou adesivos digitais replicáveis de mamilos masculinos, convidando internautas a recobrirem os mamilos femininos expostos em fotografias com estes adesivos a fim de “tornar o mundo um lugar melhor”. A iniciativa We The Nipple também ecoa o parônimo Free The Nipple (BUSSEL, 2014), uma produção cinematográfica de 2014 que deu origem a um movimento ativista de mesmo nome com alta exposição midiática durante o ano de 2015.

os mais prejudicados, em razão da importância que Facebook e Instagram passaram a exercer na promoção e divulgação de seus trabalhos.

Na carta da NCAC, requer-se a instalação de um grupo plural de atores interessados – a ser constituído de artistas, educadores de arte, curadores de museus, ativistas, e também empregados do Facebook – para conceber soluções que equilibrem os interesses das diferentes comunidades de pessoas que compõem o Facebook. No dia 05 de junho seguinte, noticia-se que o Facebook concordou em atender à solicitação feita (FACEBOOK..., 2019), não tendo havido, ainda, mudanças concretas nas diretrizes ou interfaces das plataformas citadas.

O referido episódio suscita alguns interessantes questionamentos. As sanções continuamente impostas aos conteúdos compartilhados por usuários e usuárias pertencentes à dita comunidade artística indicam a dificuldade de Facebook e Instagram em perceberem a qualidade artística da semi-nudez apresentada, na maioria das vezes, no suporte fotográfico. A arte é conhecida por ser um espaço consagrado de autoexpressão, uma via que permite pelos mais diferentes suportes a manifestação do pensar e do sentir, daquilo que já foi dito e redito incontáveis vezes ao que se pensara ser indizível. Diante disso, o que se pode esperar do dito grupo plural de atores interessados a ser composto por entes do mundo artístico e funcionários do Facebook? Será que tal grupo estaria a definir o que é arte ou não, demarcando as fronteiras semânticas entre os registros artísticos da nudez e aqueles que pertencem ao repertório visual pornográfico? A eventual supressão das restrições em relação à disposição de mamilos femininos em fotografias de cunho artístico nas diretrizes de conteúdo de Facebook e Instagram seria capaz de causar uma “epidemia” de registros da nudez naquelas plataformas digitais, na qual seus usuários se valeriam do manto artístico para garantir a circulação de seus conteúdos? Serviria a arte como um passe-livre, um portal para a nudez fotográfica nas grandes plataformas digitais?

Esta pesquisa teve como fim investigar as implicações do episódio relatado, sendo orientada pelos questionamentos acima indicados. Metodologicamente, valeu-se da abordagem do problema pela clássica ótica sociológica do “fato social”. Aqui, a nudez feminina⁴ é compreendida como um objeto de estudo sobre o qual recaem expedientes sócio-culturais. O percurso desta investigação inicia-se com um exercício genealógico sobre os valores culturais que incidem sobre a nudez feminina,

⁴ O termo será recorrentemente empregado no texto referindo-se, sobretudo, à semi-nudez, i.é., registros envolvendo o torso desnudo, com os mamilos expostos.

prossequindo em direção à análise do histórico do Facebook no tratamento da temática. Em seguida, analisa-se o papel das diretrizes de conteúdo das plataformas digitais e as minúcias envolvidas na moderação destes sites. Por fim, encerra-se o arco desta investigação com a propositura de uma perspectiva de enquadramento por molduras para entender os tensionamentos entre Facebook/Instagram e a comunidade artística.

A NUDEZ OFFLINE

Como sagazmente evidenciado no protesto do We The Nipple por meio da utilização de retratos impressos de mamilos masculinos para recobrir os corpos dos participantes, corpos femininos e corpos masculinos são vistos de maneiras distintas. Tal tratamento diferenciado remete a uma explicação intuitiva: há uma percepção cultural diferenciada acerca da semi-nudez de homens e mulheres. Por que não é socialmente aceitável que mulheres fiquem descamisadas no mesmo número de contextos que homens? O que faz com que recaiam sobre a disposição de sua semi-nudez valores culturais que não se aplicam aos homens?

A história da nudez é um campo de estudos profílico, repleto de exemplos que demonstram a diversidade cultural inerente à experiência humana. O recorte sócio-cultural aqui feito visa a entender as distinções entre corpos masculinos e femininos no lastro da tradição da cultura ocidental, que aqui deve ser entendida como o conjunto de valores morais e sociais provenientes dos processos colonizadores promovidos por nações europeias cristãs, valores os quais se difundiram sobre vários dos territórios hoje classificados como ocidentais.

A referência imediata ao estudar-se a nudez no Ocidente remonta à valorização hipertrofiada do corpo nu na Grécia Antiga, tida como berço cultural do Ocidente. Lá, como indicam inúmeros artefatos históricos, o corpo nu era valorizado a partir de um ideal estético, que acabou sendo importado pela civilização romana, embora em menor escala. A nudez pública era, inclusive, prática corrente nos banhos romanos, casas de banho públicas onde corpos nus, masculinos e femininos, não encontravam pudores demasiados, como relata Barbara Górnicka (2016, p. 122). Os hábitos relacionados ao banho público e a disposição da nudez subsistiriam durante o período medieval. Françoise de Boneville (1998, *apud* GÓRNICKA, p. 130) registra a ascensão de casas de banho públicas, herança romana, durante o período medieval,

quando não era inusual ver pessoas se dirigindo àqueles lugares completamente nuas. Norbert Elias (1994, p.165) também indica que parece ter sido esta uma prática comum, pelo menos nas cidades. Como relata o autor (ELIAS, 1994, p. 165), é a partir do século XVI que a despreocupação com a disposição nua do corpo frente a outrem começa a lentamente desvanecer, havendo uma aceleração deste processo entre os séculos XVII e XIX. Como bem assevera:

Desaparece a despreocupação em mostrar-se nu, como também em satisfazer necessidades corporais na frente dos outros. **Tornando-se menos comum na vida social esse espetáculo, adquire uma nova importância a descrição do corpo nu na arte.** Mais do que até então, torna-se uma imagem onírica, um emblema de desejos irrealizados. Para usar a palavra de Schiller, toma-se 'sentimental', em comparação com a "ingenuidade" de fases anteriores. (ELIAS, 1994, p. 166, grifo do autor).

A percepção cultural dos seios femininos permaneceria discreta até o surgimento do dito "amor romântico" no século XVIII, como aponta Gilza Sandre-Pereira (2003, p. 475). Como anota Margareth Miles (2008 *apud* SIBILIA, 2014, p. 39): "Em 1350, o seio era um símbolo religioso; por volta de 1750, foi erotizado e medicalizado, de modo que já não seria mais utilizável, nem foi mais utilizado, como um símbolo religioso."

Como descrito por Elias (1994), a nudez deixaria de ser recoberta pela ingenuidade de outrora para tornar-se uma chave para o campo dos desejos, compreensão tal que transbordava para o domínio das artes. Se no domínio religioso a Igreja passou a condenar a disposição artística da nudez, por temor do despertar de sentimentalidades eróticas (SIBILIA, 2014, p. 41), a arte secular europeia veria despontar a consolidação de um dos gêneros mais emblemáticos da arte ocidental: o nu. Embora os nus artísticos europeus retratem a nudez de homens e mulheres, é a feminina a predominante.

Por muito tempo, os estudos dedicados ao nu eximiram-se de analisá-lo sob perspectivas de gênero e sexualidade, ou ainda, sob aspectos propriamente socioeconômicos. John Berger foi um dos primeiros a propor uma análise do tema na trilha destas perspectivas. Berger anota que a regra nos prolíficos espécimes daquele gênero artístico é que a nudez feminina retratada não se encontra num estado genuíno de naturalidade: "ela não está nua como ela é, ela está nua como o espectador a vê" (1973, p. 49). Berger (1973, p. 53) delata que as convenções artísticas do retrato do nu

feminino mantêm uma relação com o âmbito da sexualidade masculina (aqui subtendida como heterossexual). Como coloca o autor:

Numa comum pintura a óleo europeia do nu, o principal protagonista nunca é pintado. Ele é o espectador em frente à figura e presume-se que seja um homem. Tudo é endereçado a ele. Tudo deve aparecer como o resultado dele estar lá. É para ele que as figuras assumiram sua nudez.. (BERGER, et al., 1973, p. 54, tradução do autor)

Também na década de 1970, baseando-se em teorias psicanalíticas, Laura Mulvey construiria o conceito do “olhar masculino”, que seria o aparato responsável por projetar a fantasia masculina sobre a forma feminina, estilizando a imagem da mulher para objetificá-la, atingindo uma representação que serve para ser olhada e disposta à exibição (1975, p. 11). A pesquisadora Helen McDonald (2001) refaz um percurso cronológico notório ao analisar as discussões sobre o nu feminino e estudos feministas da história da arte em seu livro *Erotic Ambiguities*. Como aponta a autora (MCDONALD, 2001, p. 17), o conceito do “olhar masculino” desenvolvido por Mulvey se tornaria a moldura para a crítica feminista sobre a representação, tanto no âmbito da produção artística quanto dos estudos críticos. Em relação ao trabalho de John Berger, McDonald (2001, p. 9-10; 82) também recupera contestações e continuações de teóricas feministas.

Em 1992, Lynda Nead proporia uma investigação desconstrutivista acerca da representação do nu feminino. Lastreando-se no trabalho de Jacques Derrida, a autora utilizaria uma abordagem de enquadramento para argumentar que a representação do nu feminino deve ser, sobretudo, compreendida em atenção à maneira como este corpo é enquadrado e emoldurado (NEAD, 1992, p. 6-7). Como sublinha McDonald (2001, p. 58), a partir de uma abordagem desconstrutivista, Nead procederia a mostrar como os trabalhos prévios sobre o nu feminino construíram definições e análises que remontavam à necessidade de distinguir arte e obscenidade. Como Nead (1992, p. 85) destaca, imagens do nu feminino parecem transitar entre os extremos das belas artes, em que o nu feminino se alinha a um olhar puro, desinteressado e sem qualquer função, e da pornografia, pertencente à ordem do profano e da cultura de massa, que estimula a gratificação de desejos:

Entre estes dois extremos, encontra-se uma série de distinções culturais e uma fronteira sagrada que é demarcada repetidamente ao longo das linhas das definições do aceitável e do inaceitável, em competição uma com a outra. [...] o que está claro é que sua função exemplar depende apenas parcialmente do conteúdo da imagem em si; é igualmente uma questão de onde e como a imagem é vista, quem

tem acesso a ela e como eles se comportam ou respondem em sua presença. (NEAD, 1992, p. 86-87, tradução do autor)

Analisar a problemática dos registros artísticos fotográficos nus nas plataformas digitais de Facebook e Instagram a partir da sua inserção numa teoria de enquadramento pode trazer valiosos insights. Antes de proceder a esta proposta interpretativa, evoca-se aqui um estudo conduzido em 2001 (ECK, 2001) em que 23 imagens descontextualizadas envolvendo a nudez feminina foram apresentadas a um grupo de homens e mulheres norte-americanos com perfis sócioeconômicos, educacionais, etários e políticos variados, tendo como objetivo sondar-lhes as percepções sobre as imagens. Compunham a amostragem imagética nus pictóricos, fotografias retiradas de revistas de entretenimento adulto, retratos documentais de povos originários e imagens de campanhas publicitárias, todos retratando mulheres. O estudo revela que, independentemente de sua formação, os entrevistados lograram classificar com sucesso aqueles três primeiros tipos imagéticos, sabendo discernir o que é arte, o que é pornográfico e o que é documental (ECK, 2001, p. 610-620).

Diante da pintura “A vênus de Urbino”, de Ticiano, todos os entrevistados imediatamente a apontam como “arte”, embora a maioria não saiba dizer como eles sabem que aquela imagem é artística (ECK, 2001, p. 610-1). Todos os entrevistados identificam que a pintura não possui um elemento que desperte sentimentalidades eróticas, embora reconheçam não saber a interpretação vigente à época de sua feitura (ECK, 2001, p. 611). Uma entrevistada dispara que não sabe por que está acostumada a não achar ofensivo ver nus numa galeria de arte (ECK, 2001, p. 612). Como a condutora do estudo aponta, o enquadramento da imagem numa moldura contextualizadora bem-determinada (neste caso, a moldura das artes) executado por seus entrevistados informa-os sobre como devem sentir-se diante daquele registro; seja por conta do elemento temporal do meio utilizado (pictórico) ou por conta da pose da figura feminina, os entrevistados conseguem estabelecer que o contexto artístico é apropriado para a expressão da nudez (ECK, 2001, p. 612). Quando confrontados com uma imagem de *soft porn*, quase metade dos entrevistados a identifica como pornografia, enquanto os demais falam que a imagem beira o pornográfico, mas não é explícita o suficiente (ECK, 2001, p. 613). Destaca-se que a amostragem também sabe apontar mais identificadores do que é pornográfico do que é artístico, destacando, por exemplo, a pose e a composição da imagem (ECK, 2001, p. 613). O fato de que a imagem apresentada é uma fotografia é apontada por vários

entrevistados como um elemento distintor (ECK, 2001, p. 616). Ao serem perguntados se uma pintura ou escultura pode ser pornográfica, muitos se detêm por um momento para responderem que é possível, embora nunca tenham visto; o meio fotográfico emoldura contextualmente a imagem apresentada, facilitando sua associação a revistas de entretenimento adulto, onde é possível encontrar registros afins (ECK, 2001, p. 616). É a fotografia de um anúncio da marca Calvin Klein que confunde os entrevistados: nela, em preto e branco, mostra-se a conhecida modelo Kate Moss com o torso desnudo e um seio à mostra, enquanto sua mão alcança sua boca para recobri-la. Perante a imagem, desassociada da marca, os entrevistados não familiarizados com o anúncio podem perpassar por quatro fases de avaliação: primeiro, tentam identificar a imagem segundo as categorias já conhecidas (arte, pornografia, nudez informacional); em seguida, ao descobrirem a origem da imagem (um anúncio publicitário), têm uma reação de choque, indicando que precisam reavaliá-la; em terceiro lugar, procedem à reavaliação, relendo a imagem e decidindo, portanto, a aceitabilidade da nudez; em último lugar, a maioria dos entrevistados ou aceita a emergência de uma nova categoria (a nudez para fins publicitários), daí aceitando uma nova maneira de classificar a nudez como aceitável, ou apenas se detém a falar sobre a fotografia, em vez de cogitar uma nova categoria para a nudez. (ECK, 2001, p. 621). Enquanto indivíduos mais velhos tendem a falar sobre a fotografia em si e não imergir na tarefa cultural de conceber uma nova categoria para a nudez (a nudez commodificada para fins publicitários) e sua aceitabilidade, indivíduos mais jovens tendem a aceitar este novo contexto para a nudez, ainda que alguns apresentem certas resistências (ECK, 2001, p. 626).

Como destacado nas conclusões do estudo, não é que o conteúdo das imagens não importe, mas, sim, que o contexto em que são apresentadas ajuda a definir a interpretação do conteúdo das próprias imagens (ECK, 2001, p. 629). A compreensão da importância da contextualização servirá mais adiante à compreensão do problema da arte nas interfaces digitais de Facebook e Instagram.

Se pelos anos 1980, o nu feminino, este gênero tão emblemático da tradição pictórica ocidental, havia praticamente desaparecido da prática artística contemporânea, em razão da tarefa de representação do corpo feminino ter-se tornado, de maneira geral, uma arriscada empreitada para artistas (MCDONALD, 2001, p. 31), esta situação não corresponde à complexa conjuntura associada aos registros artísticos do nu feminino que se proliferam nas interfaces digitais

pavimentadas pela Internet ao longo dos anos 2000. A era digital parece ter dado origem a novos e híbridos gêneros imagéticos que retratam a nudez, complexificando as distinções a serem empregadas entre eles. É o que relata a pesquisadora Paula Sibilia (2015), que percebe uma latente politização nas novas dinâmicas de utilização do corpo nu. Essas dinâmicas vão desde a nudez empregada como artifício para atrair atenção em protestos das mais variadas causas àquele tipo de nudez que estaria mais próxima do âmbito artístico, i.é, a nudez registrada em *selfies* compartilhadas na Internet pelas próprias usuárias ou projetos fotográficos diversos, em que se promove a reivindicação do direito de apresentar o corpo como ele é, sem quaisquer retoques estilizadores a corrigir imperfeições corporais. Assim, além da produção de artistas e de pessoas diretamente vinculadas ao universo institucional artístico, a nudez vem-se tornando mais comum, sendo apropriada para variados fins. Se a semi-nudez fotográfica tem-se popularizado, como compreender as proibições de Facebook e Instagram? Se estas plataformas promovem-se como bastiões da liberdade de expressão, por que continuam a ser rechaçados nestas redes os registros artísticos do nu?

O FACEBOOK E A NUDEZ

Criado em 2005, o Facebook coleciona uma miríade de episódios que revelam tensionamentos com seus usuários e usuárias em razão da remoção de conteúdo envolvendo a nudez fotográfica feminina. No caso do nosso objeto, a arte nua, os episódios suscitados envolvem de obras e artistas desconhecidos àqueles mundialmente célebres. Em 2011, por exemplo, ao compartilharem algumas das fotografias do famoso fotógrafo Robert Mapplethorpe a fim de divulgar uma exibição de retrospectiva de sua obra, os dirigentes da página da sede sueca do museu Fotografiska se viram surpresos ao descobrirem que todas as obras haviam sido removidas pelo Facebook. Reconhecendo a importância da plataforma digital, Charlotte Wiking, a CEO do museu, decidiu divulgar o famoso retrato da fisiculturista Lisa Lyon recobrando “as partes que poderiam ser potencialmente ofensivas”, como se vê nas figuras 1 e 2: “De certa forma, nós ajustamos a comunicação para a cena e regras do Facebook”. (MUSEUM..., 2011).

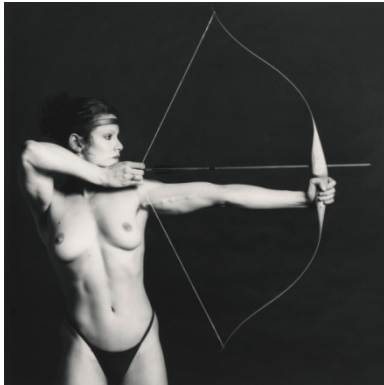


Figura 1 – “Bow and Arrow (Lisa Lyon)” - Robert Mapplethorpe. 1981. Disponível em: <https://www.mutualart.com/Artwork/-BOW-AND-ARROW---LISA-LYON-/E966C00D478C6823>

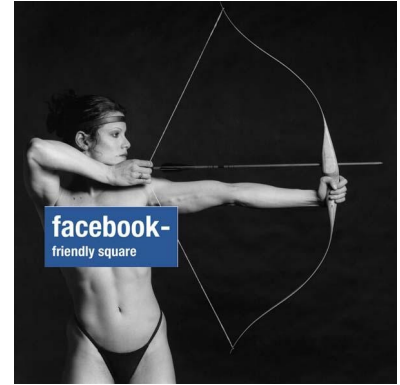


Figura 2 – Fotomontagem feita em 2011 pelo Museu Fotografiska, uma das primeiras tentativas de contornar as diretrizes de conteúdo da plataforma. Disponível em: <http://www.artcity.com/2011/09/15/ar-e-facebook-friendly-squares-necessary/>

Se são obras e artistas já consagrados os que costumam lograr a atenção midiática, são sobretudo os novos talentos que se prejudicam com as políticas de conteúdo de Facebook e Instagram. Estas plataformas cresceram de tal forma a tornaram-se fulcrais para a publicização do trabalho destas pessoas. É o que indicam os depoimentos colhidos pela iniciativa We The Nipple:



Figura 3 – Sem título – Rachel Tine. Disponível em: <https://ncac.org/we-the-nipple/censorship-stories/#rachel>

Pelo medo de destruírem meu negócio de fotografias/fonte de renda, eu tenho diligentemente removido mamilos femininos por anos para me adequar às políticas censoras misóginas de Instagram e Facebook, mas, ainda assim, tive muitas fotos removidas no Instagram com ameaças de exclusão de conta e tive meu perfil no Facebook temporariamente trancado. Essas políticas censoras arcaicas não apenas impactam negativamente as habilidades de artistas em subsistir, como também negativamente impactam cada mulher que precisa interagir com homens que foram condicionados a acreditar que a forma feminina é, objetivamente, uma entidade sexual que precisa ser escondida do olhar masculino,

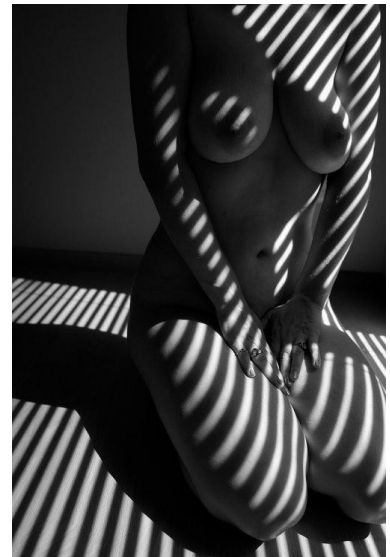


Figura 4 “Listening to Coltrane” – Savannah Spirit. Disponível em: <https://savannahspirit.photography/themalegaze>

Seria muito duro para mim como artista ser excluída desse método de compartilhar o meu trabalho. É a maneira como a maioria de nós publiciza seu trabalho e negócios agora – com um toque pessoal – mas Instagram e Facebook estão arruinando nosso jogo. – Savannah Spirit. (CENSORED..., 2019b,

utilizada para o prazer masculino, ou hiper-sexualizada para vender produtos. – Rachel Tine (CENSORED..., 2019a, tradução do autor)

Rachel Tine, autora da fotografia da figura 3, afirma que esta obra foi removida três vezes pelo Instagram, mesmo após os mamilos da modelo terem sido embaçados pela própria artista (CENSORED..., 2019a). Por sua vez, Savannah Spirit, autora da fotografia da figura 4, coloca que esta obra foi removida do Instagram seis vezes (CENSORED..., 2019b). Junto a essas fotografias, somam-se vários artistas que relatam ter sofrido sanções semelhantes, alguns dos quais contam ter tido suas próprias contas nas plataformas removidas.

Nos últimos anos, os numerosos episódios controversos envolvendo a nudez feminina e as opacas políticas de moderação de Facebook e Instagram puderam exercer tamanha pressão de modo a lograrem modificações nas diretrizes de conteúdo destas plataformas. As controvérsias registradas extravasam o âmbito artístico, envolvendo fotografias de mães lactantes (WORTHAM, 2009), registros documentais de povos indígenas e seus costumes (LEAL, 2015), fotos de mulheres que passaram por mastectomias (FITZPRATICK, 2019) e até mesmo o famoso retrato da garota Kim Phuc (HOLTER, 2016), sobrevivente do bombardeio norte-americano no Vietnã. Embora registros não-artísticos não recaiam sob o escopo desta análise, vale aqui ressaltar o notório caso das mães lactantes que por anos empreenderam esforços significativos a fim de poderem compartilhar as casuais fotos de amamentação de seus bebês⁵. Em 2009, no ápice das contendas entre as mães lactantes e Facebook, um representante da empresa emitiu o seguinte comunicado:

Certamente nós podemos concordar que há contextos em que a nudez não é obscena, porém nós estamos analisando milhares de reclamações por dia. **Se é obsceno, arte ou um ato natural – nós preferimos deixar sob a classificação de nudez e traçar um limite a partir daí.** (WORTHAM, 2009, tradução e destaques do autor)

A realização do percurso genealógico na seção anterior auxilia a localização das razões que motivariam Facebook e Instagram a aplicarem sanções à nudez feminina. Como o comentário acima transcrito revela, embora a política adotada pela empresa naquela época visasse à sua desobrigação do apontamento do que é obsceno ou não, as diretrizes de conteúdo vigentes à época não impediam que, na prática, a impressão deixada fosse que a o Facebook compreendia como obsceno o

⁵ Destaca-se, aqui, a criação na própria plataforma do Facebook do grupo virtual Hey, Facebook, breastfeeding is not obscene! (Ei, Facebook, amamentar não é obsceno!) Para acessar a página do grupo: <https://www.facebook.com/groups/BreastfeedingIsNotObscene/about/>.

registro de um ato essencial à vida humana, a amamentação. Como denunciavam os vários episódios largamente noticiados naquele período, a adoção da simplificação como critério de classificação sobre o que era apropriado correspondia a uma estratégia especialmente problemática, pois obstava os anseios de auto-expressão de um extenso número de pessoas. A pressão organizada reiteradamente exercida por parte das mães lactantes foi substancial para que o Facebook em específico passasse, a partir de meados de 2014, a permitir fotos de amamentação em suas diretrizes de conteúdo (GILLESPIE, 2018, p. 124), servindo como um exemplo a guiar o pleito dos indivíduos ligados ao mundo das artes.

A evolução das diretrizes de conteúdo de Facebook e Instagram evidencia que a mobilização de usuários não conformados com a ordem imposta é capaz de lograr mudanças. Antes de arriscar elocubrações sobre o futuro sucesso da iniciativa We The Nipple frente àquelas duas plataformas, é oportuno verificar se as regras de conteúdo de Facebook e Instagram são as únicas, entre outras mídias sociais, a proibirem a nudez feminina da exposição de mamilos.

OUTRAS PLATAFORMAS DIGITAIS, A FUNÇÃO DAS DIRETRIZES DE CONTEÚDO E O TRABALHO DE MODERAÇÃO

A fim de apurar se o tratamento dispensado por Facebook e Instagram à nudez artística destoaria da maneira como outras mídias sociais lidam com o assunto, elegeram-se três outras plataformas digitais conhecidas por serem repositórios imagéticos: Pinterest, Tumblr e Flickr (ver figura 5 no Anexo).

Como revela o quadro, as diretrizes de conteúdo de Pinterest e Tumblr assemelham-se às disposições adotadas por Facebook e Instagram. Em suma, em Pinterest e Tumblr, a nudez é permitida em alguns contextos (amamentação, pós-mastectomia, cirurgias de confirmação de gênero, protestos políticos, informação médica), e, em sua manifestação artística, é permitida a circular desde que em manifestações não-fotográficas (pinturas, esculturas, desenhos). Há, também, uma disposição explícita proibitiva sobre fotografias que envolvam mamilos femininos, que só são permitidos nos contextos excetuados no quadro. Flickr corresponde à plataforma digital com maior permissividade em relação à nudez (artística ou não), adotando uma política que orienta usuários e usuárias a classificarem o próprio conteúdo em três critérios (seguro, moderado e restrito). As contas de usuários são

organizadas segundo os mesmos critérios, havendo interferência do quadro de funcionários da plataforma apenas quando as imagens compartilhadas tenham sido incorretamente categorizadas pelo próprio usuário. (SET..., 2019).

Destoando daquelas das demais plataformas analisadas, as diretrizes adotadas pelo Flickr revelam a abertura a conteúdo que envolva a nudez, desde que não seja pornográfica, capilarizando a responsabilidade sobre a classificação do conteúdo na rede de seus usuários, que são convidados a cooperar a fim de que seu conteúdo permaneça em circulação. Com exceção da plataforma Flickr, é possível notar um alinhamento entre as diretrizes adotadas por Pinterest e Tumblr e aquelas de Facebook e Instagram. Como Tarleton Gillespie (2018, p. 33) aponta, a similaridade encontrada nas diretrizes de conteúdo de várias plataformas digitais revela que, apesar de suas diferenças materiais, estas plataformas muitas vezes se veem em posições análogas, não funcionando em isolamento, mas, sim, em conjunto, integrando uma mesma rede de mecanismos de governança. Como ainda assevera o autor (GILLESPIE, 2018, p. 35), as diretrizes de conteúdo das plataformas digitais têm uma função sobretudo performativa, que é responsável pela articulação do *ethos* do site. As diretrizes não servem apenas para demonstrar como as plataformas lidam com um determinado assunto, funcionando também como artifícios de performance que tornam legítimas as ansiedades e expectativas depositadas sobre os responsáveis pela plataforma, e, desta forma, os desafios com que estes se deparam ao exercerem a moderação sobre o discurso público (GILLESPIE, 2018, p. 34).

A função performativa das diretrizes de conteúdo delatada não eclipsa sua importância:

Estas diretrizes importam [...] Elas podem, em alguma medida, guiar o que os usuários escolhem compartilhar, o que eles ousam fazer, e o que eles decidem não dizer. [...] As regras também são evocadas pelas plataformas quando conteúdo é removido ou um usuário, suspenso, o que significa que naquele momento elas podem fazer parte de como um usuário compreende a intervenção da plataforma. (GILLESPIE, 2018, p. 55, tradução do autor).

No entanto, ainda que relevantes, estas regras seguem correspondendo a apenas um dos aspectos da moderação de conteúdo praticada por uma plataforma digital, que pode – como muitas vezes ocorre – tornar-se opaca, na medida em que os métodos de moderação são empregados. Assim, não é de surpreender que haja registros de remoção de conteúdo e o emprego de outras sanções por parte de Facebook e Instagram, mesmo após a reformulação de suas diretrizes de conteúdo,

como no caso de manifestações artísticas em suportes não-fotográficos como pinturas e esculturas (HARRIS, 2019).

Ainda na lição de Tarleton Gillespie (2018, p. 129), os métodos empregados para moderação bifurcam-se, em última instância, na remoção de conteúdo e na dificuldade de seu acesso; enquanto a remoção corresponde a uma solução abrupta, a dificuldade de acesso fragmenta o acesso a determinado conteúdo por meio de filtros. Tumblr e Flickr, por exemplo, valem-se deste último método por meio do emprego do modo “busca segura” (*Safesearch*): implementa-se um filtro no mecanismo de busca da plataforma, que retorna resultados com base na opção feita por cada usuário em suas configurações. Não se pode deixar de reconhecer que os regimes de algoritmidades, responsáveis pela entrega supostamente personalizada de conteúdo cada vez mais ajustada à experiência pessoal de cada usuário, também influem na maior ou menor probabilidade de exposição de um tipo de conteúdo aos usuários de plataformas como Facebook e Instagram, servindo, assim, como uma estratégia implícita de dificuldade de acesso.

As ferramentas empregadas para monitoramento de conteúdo a fim de assegurar sua adequação às diretrizes da comunidade desempenham, talvez, o mais relevante papel no difícil tabuleiro da moderação de conteúdo. A detecção de conteúdo que se opõe às diretrizes comunitárias estabelecidas corresponde a um incessante, e, sobretudo, complexo trabalho: incessante, pois se renova a todo tempo (dado o fluxo contínuo de postagens e compartilhamentos); complexo, pela prolífica escalabilidade do conteúdo gerado e pelas nuances semânticas eventualmente encontradas. Como Gillespie (2018, p. 86) aponta, diferentes peças contribuem no intrincado sistema de moderação de conteúdo. A detecção de conteúdo inadequado pode advir de diferentes fontes, como ferramentas de inteligência artificial, usuários da plataforma que denunciam manualmente conteúdos que julgam inapropriados e *crowdworkers*, contratados pelas plataformas para exercer o infame trabalho de revisão do material compartilhado. Se as diretrizes de conteúdo foram aperfeiçoadas com o tempo, muitos usuários e usuárias seguem reclamando da falta de transparência dos processos de decisão sobre conteúdos moderados. A retenção por parte de plataformas digitais das informações que orientam esses processos decisórios – e que se mostram, muitas vezes, ambíguas e opacas - pode levar usuários a terem percepções altamente discrepantes sobre suas experiências naqueles âmbitos digitais (ROBERTS, 2019, p. 69).

Como anteriormente vimos, a evolução das diretrizes de conteúdo de Facebook e Instagram atesta que a mobilização de usuários inconformados com a ordem imposta foi fundamental para que mudanças fossem efetuadas. Diante disto, o que esperar do grupo de trabalho que o Facebook concordou em criar, em razão do pleito da iniciativa We The Nipple? É seguro presumir que o pleito da iniciativa We The Nipple será em breve atendido?

A ARTE NUA E A NECESSIDADE DE MOLDURAS EM INTERFACES DIGITAIS

Como bem notado pela Coalizão Nacional Contra a Censura na carta endereçada ao Facebook, a plataforma é composta por grupos bastante diversos, cujas identidades, crenças e valores podem eventualmente chocar-se, causando disputas. Estes conflitos não se limitam a Facebook e Instagram, estendendo-se às comunidades circunscritas em outras plataformas digitais. A moderação de conteúdo revela-se uma tarefa especialmente árdua, pois envolve manter um relativo equilíbrio entre crenças e valores que competem entre si, sem especial favorecimento de um a outro. Como visto, o projeto We The Nipple e o movimento das mães lactantes interseccionam-se na medida em que pugnam para que registros da nudez feminina não sejam considerados como intrinsecamente obscenos. Pode-se dizer que, para estes grupos, a nudez apresentada em seus registros contextualiza a exposição do corpo nu, afastando apontamentos semânticos da ordem do obsceno. Todavia, a percepção daquela nudez pode ser precisamente a contrária para outras pessoas, que podem considerar toda e qualquer mera visão dos seios femininos como obscena e ofensiva. Se as razões para a formação de tal mentalidade acerca da nudez feminina podem ser encontradas na primeira seção deste artigo, importa ressaltar que a gênese dos conflitos ocasionados pela moderação parece advir de uma característica própria das interfaces digitais.

A abertura corresponde a um dos princípios tidos como basilares para o desenvolvimento da Internet, o que indica sua identificação como um *design principle* (princípio de desenho para a arquitetura da rede). Embora esta qualidade esteja primeiramente associada a contextos técnicos, é possível adjetivá-la como uma característica geral da Internet, o que a faz, assim, comportar múltiplos sentidos. Aqui, propõe-se pensar na natureza aberta da Internet como aquela característica responsável pela quebra de barreiras ao acesso à informação. Especificamente em

sua camada de conteúdo, representada emblematicamente pela Web, a Internet é conhecida pela supressão do espaço-tempo, reduzindo ou eliminando distâncias, assim como outras barreiras físicas. Assim, embora seja possível erguer portões virtuais de acesso – regidos por critérios econômicos, organizacionais ou de outros tipos –, na camada de conteúdo da Internet, a regra é que informação e bens culturais dos mais diferentes tipos podem ser facilmente acessados. A qualidade de abertura que aqui se evoca remonta à noção de uma qualidade digital de ubiquidade: a Internet permite a usuários e usuárias o acesso a bens que no mundo offline só poderiam ser acessados após a transposição de barreiras sócio-econômicas, culturais, etc., de modo a ser percebida como um espaço virtual em que “tudo está lá” concomitantemente. No caso do objeto de estudo da presente análise, obras artísticas podem ser facilmente divulgadas e acessadas, ultrapassando-se barreiras de diferentes ordens, impostas por meio de instituições especializadas - como museus, galerias, ateliês - ou ainda por meios de comunicação e de difusão do conhecimento - revistas, livros, jornais e transmissões televisivas. Esta supressão de barreiras, no entanto, não surge desacompanhada de problemas, pois as barreiras encontradas no mundo físico eram responsáveis por conformar a difusão daqueles bens culturais dentro de limites bem-estabelecidos. Assim, um museu poderia afixar na entrada de uma exibição uma classificação etária indicativa, ou ainda, advertir seus visitantes de que o conteúdo das obras pode ser considerado ofensivo ou inadequado por algumas pessoas⁶.

A lógica de ubiquidade é reproduzida nos cercos virtuais fechados das plataformas digitais. Sabe-se que nos últimos anos a Internet tem sido marcada por processos de consolidação, caracterizados pela concentração de tráfego em plataformas digitais. Muitas delas, como o próprio Facebook, vêm incorporando funcionalidades diversas antes encontradas exclusivamente fora desses âmbitos digitais, erigindo-se, assim, como *one-stop shops*, i.é, paradas unívocas onde se pode realizar de tudo (em síntese, do acesso à informação à realização de transações econômicas) (GLOBAL..., 2019, p. 19). É por meio dessa aglutinação que plataformas como Facebook e Instagram ocupam um papel cada vez mais central na experiência digital de seus usuários. Para a comunidade artística, estes cercos digitais tornaram-

⁶ Admite-se, igualmente, que estas barreiras poderiam ser representadas de maneira implícita pelas próprias instituições e meios de comunicação que mediam o acesso a bens culturais: uma pessoa que se dirige a um museu pode esperar lá encontrar bens que, não obstante julgue pessoalmente como obscenos, são considerados artísticos, algo informado pelo lugar em que se encontra.

se fundamentais para a promoção de trabalhos artísticos, especialmente para novos talentos, como indicam os depoimentos anteriormente apresentados.

O argumento aqui proposto é o de que os tensionamentos entre o Facebook e o mundo artístico eclodem, em última instância, da interface ubíqua e escancaradora do mundo digital. Imagens antes contidas pelos limites e barreiras propostos por suas molduras físicas (publicações e espaços artísticos) agora se espriam de maneira aberta e facilmente acessível pelos tecidos digitais. Importa aqui recuperar os achados do estudo citado no início desta análise (ECK, 2001): molduras importam, pois auxiliam a contextualizar o conteúdo das imagens. No caso das imagens que envolvem a nudez, o enquadramento em categorias/molduras analógicas bem-definidas (para a arte – o museu, o livro especializado; para a pornografia – revistas de entretenimento adulto; nudez informacional – revistas científicas; nudez para fins publicitários – a indicação da marca) parece ser fundamental para que a aceitabilidade da nudez seja aferida. Hoje, não há, em plataformas como Facebook e Instagram, elementos contextualizadores suficientes que enquadrem o conteúdo compartilhado em uma moldura artística digital bem-definida, de modo que o trabalho de artistas que envolvam a nudez torna-se sujeito à desaprovação de usuários que falham em compreendê-lo, ou ainda, que rejeitam outra interpretação que não a de obscenidade. Importa destacar que o ponto de maior controvérsia refere-se especificamente às obras fotográficas que envolvam nudez. Como anteriormente citado e apontado no estudo sobre contextualização de imagens (ECK, 2001), o suporte fotográfico é especialmente controvertido, dada a facilidade de sua associação ao contexto pornográfico. Assim, retomando os extremos culturais propostos por Lynda Nead (1992), trabalhos fotográficos são especialmente sujeitos à sua classificação como pornografia obscena, em oposição ao campo das belas artes.

Em síntese, é assim que parecem emergir os tensionamentos: imagens antes restritas e conformadas a molduras e contextos bem-definidos podem facilmente vir à tona perante pessoas cujas culturas, idades, credos, etc. se incompatibilizam com tal apresentação gratuita. O paradoxo experimentado por artistas perante plataformas como Facebook e Instagram pode ser sintetizado da seguinte forma: de um lado, a democratização outrora inimaginável do potencial de alto grau de publicização e exposição; do outro, a mira do olhar público, tão diverso e imprevisível.

No dia 21/10/2019, o Instagram organizou o que foi noticiada como a primeira reunião com artistas e representantes de museus após o compromisso assumido em

junho daquele ano (DURÓN, 2019). Até agora, no entanto, não foram adotadas medidas concretas para o atendimento dos pleitos levantados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No trajeto percorrido neste artigo, pôde-se constatar a procedibilidade dos anseios formulados pela iniciativa We The Nipple. Em razão dos processos de consolidação verificados na Internet, Facebook e Instagram tornaram-se âmbitos de promoção e divulgação indispensáveis para figuras do mundo artístico, que reivindicam que seu direito de expressão seja respeitado naquelas plataformas digitais. Os tensionamentos ocasionados emergem, sobretudo, da diferença e competição de valores e crenças de grupos distintos que devem conviver entre si naquelas plataformas. Se a Internet corresponde ao ecossistema geral do ciberespaço, as plataformas digitais seriam como biomas virtuais, cuja manutenção de equilíbrio entre seus agentes internos tão diversos é um trabalho complexo e perpétuo. É importante que a estratégia empregada pela iniciativa We The Nipple denuncie o tratamento cultural díspar entre corpos tipicamente masculinos e corpos femininos, no entanto, é improvável que as respostas procuradas pela comunidade artística venham exclusivamente do relaxamento das diretrizes de conteúdo em relação à disposição fotográfica dos mamilos femininos. Ainda que discriminatórias, estas percepções diferenciadas estão culturalmente enraizadas, de modo que os esforços para sua mudança estendem-se muito além da permissão de fotografias nuas em Facebook e Instagram. Assim, as soluções tão procuradas pela comunidade artística devem advir, sobretudo, da incorporação de ferramentas que permitam o compartilhamento de obras artísticas sem a promoção de autocensura. No rastro dos resultados anteriormente apresentados, filtros de busca e/ou mecanismos de classificação a serem feitos pelos próprios usuários constituiriam funcionalidades capazes de permitir o fluxo contínuo do mundo artístico dentro daquelas plataformas. Aliadas à permissão da nudez artística fotográfica nas diretrizes de conteúdo, estas ferramentas práticas serviriam como enquadramentos contextualizadores, molduras virtuais que assegurariam a identificação das obras e trabalhos dentro do universo artístico.

Ainda assim, a implementação de tais funcionalidades não deixa de vir acompanhada de variados riscos, temores e resistências. Como Talerton Gillespie

(2018, p. 132) assevera, plataformas digitais não existem sem moderação de conteúdo e o exercício desta função envolve, em última instância, decisões de de cunho político: o que é permitido ou o que é banido indica perda ou ganho para um ou outro grupo que navega na plataforma. Portanto, muito mais do que o atendimento às demandas de uma de suas comunidades mais expressivas (como a Coalizão Nacional Contra a Censura adjetiva a comunidade dos artistas criativos em sua carta aberta), diante da questão da permissão de fotografias da nudez artística feminina, Facebook e Instagram se deparam com uma intrincada e divisiva matéria. É improvável que a continuação das conversações entre representantes dessas plataformas digitais e a comunidade artística venha a conceber diretrizes que definam que nudez seria artística ou não. Como anteriormente visto, imiscuir-se na árdua tarefa de promover essas distinções semânticas é algo que estas – assim como outras – plataformas digitais desejam ao máximo evitar. Deve-se admitir como possível que a eventual liberalização da arte nua fotográfica seja capaz de causar uma inédita ascensão no conteúdo a retratar a nudez compartilhado naquelas plataformas. Ainda que estes registros não provenham precisamente de atores da comunidade artística – i.é, não sejam precisamente de artistas, curadores, instituições, etc. -, cabe reconhecer que uma tal “epidemia” do semi-nu não iria de encontro às premissas da iniciativa We The Nipple (e o predecessor Free the Nipple), que se baseiam na ideia de que corpos femininos não devem ser negativamente discriminados em relação aos masculinos, reivindicando o direito das mulheres em livremente dispor de seus corpos.

É notório que, apesar dos desgastes consideráveis experienciados por um vasto número de usuários relacionados ao mundo das artes, estas pessoas não deixem de utilizar Facebook e Instagram. O papel protuberante que estas plataformas digitais passaram a exercer na vida e negócios destes e de tantos outros usuários chama a atenção. É em meio à cruzada já retratada entre valores, grupos e culturas tão distintos que Facebook e Instagram devem assumir a tarefa de definir as possibilidades e condições do discurso público que é travado em suas plataformas. Resta acompanhá-las para saber se estas serão capazes de promover ambientes internos sustentáveis, capazes de abrigar as mais diferentes vozes, ou se haverão de cindir-se cada vez mais, simulando por meio de regimes algorítmicos a noção de uma comunidade integrada.

ANEXO

Quadro de comparação de diretrizes de conteúdo

Plataforma digital	Diretrizes de conteúdo
Facebook	As nossas políticas de nudez tornaram-se mais abrangentes ao longo do tempo. Por exemplo, apesar de restringimos algumas imagens de seios femininos que incluam o mamilo, permitimos outras imagens, incluindo as que retratam atos de protesto, mulheres a amamentar e fotos de cicatrizes pós-mastectomia. Também permitimos fotografias de pinturas, esculturas ou outro tipo de arte que retrate nudez.
Instagram	Sabemos que há casos em que as pessoas talvez desejem publicar imagens de nudez de natureza artística ou criativa. No entanto, por vários motivos, não permitimos nudez no Instagram. Isso inclui fotos, vídeos e alguns conteúdos criados digitalmente que mostram relações sexuais, genitais e close-ups de nádegas totalmente expostas, além de algumas fotos de mamilos femininos. No entanto, fotos de cicatrizes causadas por mastectomia e de mulheres amamentando são permitidas. Nudez em imagens de pinturas e esculturas também é permitida.
Tumblr	Conteúdo para adultos Não carregues imagens, vídeos ou GIFs que mostrem genitais ou mamilos femininos de pessoas reais — isto inclui conteúdo tão fotorrealista que possa ser confundido com seres humanos reais (caso te desse para tentar). Certos tipos de conteúdo artístico, educacional, jornalístico ou político que mostrem nudez são permitidos. Não carregues qualquer conteúdo, incluindo imagens, vídeos, GIFs ou ilustrações, que represente atos sexuais. Exemplos de exceções permitidas são mamilos femininos em posts relacionados à amamentação, nascimento ou momentos pós-parto, e situações relacionadas à saúde, como pós-mastectomia ou cirurgia de confirmação de gênero. Textos eróticos, nudez relacionada à política ou discursos de destaque, nudez artística (como esculturas e ilustrações) também podem ser livremente postados no Tumblr.
Pinterest	A maior parte do conteúdo de nudez artística, científica ou educacional é aprovada no Pinterest. Podemos ocultar este e outros conteúdos explícitos de locais públicos para que as pessoas não se deparem com eles acidentalmente. Pinturas, estátuas e outras formas de arte do mundo real, bem como conteúdo que mostre amamentação ou mastectomias não têm qualquer restrição. Sempre removemos imagens de atividade sexual explícita ou fetiches, além de imagens de nudez total ou parcial em poses sexualmente sugestivas.
Flickr	Defina os filtros de conteúdo apropriados para suas imagens e vídeos. Em geral, qualquer conteúdo adulto (por exemplo, nudez, sangue) precisa ser moderado adequadamente. Isso inclui a foto do perfil e a foto da capa. Além disso, vídeos sexualmente explícitos (por exemplo, pornografia) não são permitidos. Vídeos e natureza artística ou com finalidade educacional que contenham nudez podem ser permitidos sob a configuração de segurança moderada.

Fontes: Facebook (2019); Instagram, (2019); Pinterest (2019); Tumblr (2019); Flickr (2019).

Figura 5: tabela de comparação entre as diretrizes de conteúdo de plataformas digitais sobre nudez artística.

REFERÊNCIAS

BERGER, John; BLOMBERG, Sven; FOX, Chris; DIBB, Michael; HOLLIS, Richard. **Ways of Seeing**. London: British Broadcasting Corporation Penguin Books, 1973.

BUSSEL, Rachel Kramer. Free the Nipple! The Problem With How We Think About Breasts. **TIME**. [S. l.] 12 dez. 2014. Disponível em: <https://time.com/3631924/free-the-nipple-breasts-sex-symbol/>. Acesso em: 25 set. 2019.

CENSORED Artists and Their Stories. NATIONAL COALITION AGAINST CENSORSHIP (NCAC). **Net**. 2019. Disponível em: <https://ncac.org/we-the-nipple/censorship-stories/#rachel>. Acesso em 22. out. 2019.

CENSORED Artists and Their Stories. NATIONAL COALITION AGAINST CENSORSHIP (NCAC). **Net**. 2019. Disponível em: <https://ncac.org/we-the-nipple/censorship-stories/#savannah>. Acesso em 22. out. 2019.

COMMUNITY Standards. Facebook. **Net**. Disponível em: <https://www.facebook.com/communitystandards/>. Acesso em 22 Jul. 2019

CONSTINE, Josh. Facebook spares humans by fighting offensive photos with AI. **TechCrunch**, [S. l.], 31 mai. 2016. Disponível em: <https://techcrunch.com/2016/05/31/terminating-abuse/> Acesso em 25 out. 2019.

DIRETRIZES da Comunidade. Instagram. **Net**. Disponível em: <https://help.instagram.com/477434105621119>. Acesso em 22 Jul. 2019

DIRETRIZES para a comunidade. Pinterest. **Net**. Disponível em: <https://policy.pinterest.com/pt-pt/community-guidelines>. Acesso em 25 set. 2019.

DURÓN, Maximiliano. Instagram Holds Closed-Door Roundtable with Artists on Art and Nudity. **Art News**, [S. l.], 21 out. 2019. Disponível em: www.artnews.com/2019/10/21/instagram-censorship-roundtable/ Acesso em 29 out. 2019.

ECK, Beth A.. Nudity and Framing: Classifying Art, Pornography, Information, and Ambiguity. **Sociological Forum**. [S. l.], p. 603-632. dez. 2001. Disponível em: www.jstor.org/stable/684826 Acesso em: 10 dez. 2019.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. Tradução: Ruy Jungman; Revisão e apresentação: Renato Janine Ribeiro v. 1

FITZPRATICK, Laura. Facebook criticised by cancer support groups after blocking accounts that share surgery scar images. **Telegraph**, London. 21 abr. 2019. <https://www.telegraph.co.uk/news/2019/04/21/facebook-criticised-cancer-support-groups-blocking-accounts/> Acesso em 25 out. 2019.

FACEBOOK AGREES TO RECONSIDER ARTISTIC NUDITY POLICIES. NATIONAL COALITION AGAINST CENSORSHIP. **Net**. 05 jun. 2019. Disponível em: <https://ncac.org/news/facebook-agrees-to-reconsider-artistic-nudity-policies>. Acesso em 24 jul. 2019

GILLESPIE, Tarleton. **Custodians of the internet**: platforms, content moderation, and the hidden decisions that shape social media. New Haven: Yale University Press, 2018.

GLOBAL Report: Consolidation in the Internet Economy. Internet Society. **Net**. 2019. Disponível em: <https://future.internetsociety.org/2019/wp-content/uploads/sites/2/2019/04/InternetSociety-GlobalInternetReport-ConsolidationintheInternetEconomy.pdf> Acessado em 25/07/2019.

GÓRNICKA, Barbara. **Nakedness, shame, and embarrassment**: a long-term sociological perspective. Wiesbaden: Springer VS, 2016.

HARRIS, Gareth. Instagram censorship U-turn? Female nude posted by Palazzo Strozzi finally given greenlight: Museum officials say that the 1910 image by Russian artist Natalia Goncharova, on show at Tate Modern, was initially censored by the social media giant. **The Art Newspaper**, London. 02 set. 2019. Disponível em: <https://www.theartnewspaper.com/news/instagram-u-turn-social-media-giant-greenlights-image-of-goncharova-nude-posted-by-palazzo-strozz> Acesso em 25 set. 2019.

HOLTER, Mikael. Facebook remove foto da 'menina do napalm' e gera protestos. Bloomberg, [S. l.]. 09 set. 2016. Disponível em: <https://www.bloomberg.com.br/blog/facebook-remove-foto-da-menina-napalm-e-gera-protestos/>. Acesso em 25 set. 2019.

LEAL, Aline. Ministério da Cultura aciona Facebook por censurar foto de casal indígena. **Agência Brasil**, Brasília. 17 abr. 2015. Disponível em: <http://www.agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2015-04/ministerio-da-cultura-aciona-facebook-por-censurar-foto-de-casal-indigena>. Acesso em 25 set. 2019.

LETTER to Facebook NATIONAL COALITION AGAINST CENSORSHIP. NCAC. **Net**. Disponível em: https://ncac.scdn6.secure.raxcdn.com/wp-content/uploads/2019/05/NCAC_Letter_to_Facebook_6.2.2019.pdf Acesso em 22 jul. 2019.

MCDONALD, Helen. **Erotic ambiguities**: the female nude in art. London: Routledge, 2001.

MCKENZIE, Sheena. Demonstrators, photographed by Spencer Tunick, bare nipples outside Facebook in censorship protest. **CNN**, [S. l.]. 2 jun. 2019. Disponível em: <https://edition.cnn.com/style/article/spencer-tunick-nude-facebook-censorship-protest-intl/index.html>. Acesso em: 22 jul. 2019.

MULVEY, Laura. "Visual Pleasure and narrative cinema." *In: Visual and other pleasures*, Laura Mulvey, 14-26. London: Palgrave Macmillan, 1989.

MUSEUM censors so stay on Facebook. **Sverige Radio**, [S. l.]. 29 jun. 2011. Disponível em: <https://sverigesradio.se/sida/artikel.aspx?programid=2054&artikel=4579162>. Acesso em 30/10/2019

NEAD, Lynda. **The female nude: Art, Obscenity and Sexuality**. New York: Taylor & Francis, 2001.

PAUL, Kari. Naked protesters condemn nipple censorship at Facebook headquarters. **The Guardian**, San Francisco. 03 jun. 2019. Disponível em: <https://www.theguardian.com/technology/2019/jun/03/facebook-nude-nipple-protest-wethenipple>. Acesso em 22 jul. 2019

ROBERTS, Sarah T. **Behind the Screen**. New Haven and London: Yale University Press, 2019.

REGRAS da Comunidade. Tumblr. **Net**. Disponível em: <https://www.tumblr.com/policy/br/community>. Acesso em 25 set. 2015.

SET the Safety Levels of Your Flickr Content or Account. Flickr. **Net**. Disponível em: https://help.flickr.com/en_us/set-the-safety-levels-of-your-flickr-content-or-account-BJlSk6mjym. Acesso em 25 out. 2019.

SIBILIA, Paula. A nudez autoexposta na rede: deslocamentos da obscenidade e da beleza?. **Caderno Pagu**, Campinas, n. 44, p. 171-198, Jun. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332015000100171&lng=en&nrm=iso. Acesso em 13 out. 2019.

STENDER, Oriane. A Woman's Work is Never Done (Or, Too Often, Is Done and Attributed to A Man). **Hyperallergic**, New York. 06 jun. 2019. Disponível em: <https://hyperallergic.com/504111/a-womans-work-is-never-done-or-too-often-is-done-and-attributed-to-a-man/>. Acesso em 25 set. 2019

WORTHAM, Jenna. Facebook Won't Budge on Breastfeeding Photos. **The New York Times**, New York, 02 jan. 2009. Disponível em: <https://bits.blogs.nytimes.com/2009/01/02/breastfeeding-facebook-photos/>. Acesso em: 22 set. 2019